

# O PROFESSOR COMO TERAPEUTA: APROXIMAÇÕES ENTRE A PSICOTERAPIA E A EDUCAÇÃO EM CARL ROGERS

Caio Corrêa Derossi<sup>1</sup>  
Ana Cláudia Lopes Chequer Saraiva<sup>2</sup>

## RESUMO

O texto versa sobre a análise das contribuições do psicólogo norte-americano Carl Rogers para a área educacional. Um dos principais autores da Teoria Humanista, de viés cognitivista, a discussão centrará a partir dos papéis que devem ser assumidos pelos docentes sob às égides das liberdade, independência, motivação, experiência individual, congruência e autenticidade, alguns dos pontos essenciais do legado deixado à educação.

**Palavras-chave:** Teoria Humanista; formação docente; professor-aluno.

## THE TEACHER AS A THERAPIST: APPROACHES BETWEEN PSYCHOTHERAPY AND EDUCATION IN CARL ROGERS

### ABSTRACT

The text deals with the analysis of the contributions of the North American psychologist Carl Rogers for the educational area. One of the main authors of the Humanist Theory, of cognitivist visions, the discussion will focus on the roles that must be assumed by teachers under the aegis of freedom, independence, motivation, individual experience, congruence and authenticity, some of the essential points of the legacy left to the education.

**Keywords:** Humanistic Theory; teacher training; teacher Student.

---

<sup>1</sup> Graduação em História pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Têm interesses nas área de Psicologia da Educação, formação docente, ensino e metodologias de História. *E-mail:* derossi.caio@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada I do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa. Atua na área de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem. *E-mail:* acchequer@gmail.com.

## PALAVRAS INICIAIS

### *Apresentação do Autor e das Disposições Objetivas*

Carl Rogers bacharelou-se em Artes pela Universidade de Wisconsin e doutorou-se no Colégio de Professores da Universidade de Columbia, ainda no início da década de trinta do século vinte. Lecionou na Universidade do Estado de Ohio, na Universidade de Chicago e na Universidade de Wisconsin.

Na última instituição, a qual se formou, vinculou-se ao Centro para o Estudo da Pessoa. Rogers promoveu estudos elencando o processo psicoterapêutico, a partir de uma terapia não-diretiva, um dos principais motores geradores do crescimento e da independência pessoal, pontos que compõem o cerne de sua teoria.

O psicólogo foi presidente da Associação Americana de Psicologia nos meados dos anos cinquenta do mesmo século e foi agraciado com o Prêmio por Contribuição Científica Destacada promovida pela mesma instituição na mesma década.

Os apontamentos principais são realizados às luzes de Evans (1979), que produziu obras com transcrições de entrevistas com uma série de nomes elencados como relevantes, em função das contribuições dadas à psicologia e a outras áreas, como: à epistemologia, à educação etc. Outros referenciais serão utilizados para basilar as discussões.

Os objetivos do texto, dada breve contextualização é promover uma discussão teórica que sinalize a formação de professores a partir dos principais pontos da Teoria Humanista, no segmento fundamentado por Carl Rogers. As discussões teóricas permeiam outros temas e focos de teorias da aprendizagem e do desenvolvimento diversos, em função das colocações que representem continuação ou ruptura ao que fora postulado por Rogers.

As contribuições circunscrevem-se na análise das posturas formativas e das práticas dos professores, principalmente em relação ao contato com os seus interlocutores e aos objetivos do processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, a partir das disposições teóricas, foi pensado alguns incômodos frente a organizações sociais e as dinâmicas relacionais humanas, que afetam a escola, uma vez, que é mais fortuito entendê-la de forma metonímica as estruturas sociais.

Assim, não figura como objetivo do texto oferecer técnicas ou modelos para a reprodução, pois iriam em direção contrária aos postulados humanistas enfocados. É a proposta reflexiva que o move, no sentido do entendimento das propostas, dos disjuntos e das interseções com outras teorias psicológicas do desenvolvimento e da aprendizagem e em contextos maiores que permeiam a escola e a comunidade. São estas reflexões pretendidas, após a discursividade

do trabalho que, pretender-se-ão fomentar novas posturas e novas interpretações aos atores escolares e do aprendizado.

#### Apontamentos Centrais para a Teoria Rogeriana

O processo centrado no interlocutor é um dos principais canais que promovem os pressupostos de crescimento, de independência, de liberdade e de auto responsabilização almejados. Tais marcas que são estendidas à educação, tem como origem o processo terapêutico adotado por Rogers.

Tanto no tratamento psicológico quanto para a relação professor-aluno, devem ser preconizadas à mediação por parte do terapeuta/professor e à curiosidade, entendida aqui como primazia na busca e na ação do interlocutor, o paciente/aluno.

Quando se pensa de forma não-diretiva, a impressão que circula é entre uma incapacidade do outro ou em uma manipulação a ser exercida. Já, quando centra-se no interlocutor, reconhece-se que o outro, o aluno, é capaz de se relacionar com suas próprias questões, de forma a assumi-las e conceber buscas por resoluções.

É sobre a curiosidade e sobre o interesse de buscar o conhecimento, de ser protagonista no processo de ensino-aprendizagem, que Roger elenca como a direção que motiva o desenvolvimento do indivíduo. Não é negado por ele que, o estado de equilíbrio, quando as tensões são reduzidas, é buscado.

Porém, o que se acredita, imbricado com o desenvolvimento, é que ao invés de mecanismos de mitigação das tensões, os organismos estão mais preocupados em produzi-las. É em busca do contato com o novo, que o indivíduo aprende. E é nessa busca, que o indivíduo se eleva e se motiva.

Assim, para Rogers a percepção é a realidade enquanto diz respeito ao indivíduo. Tudo o que é sabido é o que se percebe e o que é testado de maneiras múltiplas. Logo, se uma coisa é percebida da mesma forma, em diferentes perspectivas, assume-se como real. Portanto, é no exercício da percepção que os significados vão sendo veiculados.

O que se relaciona com esta busca é que a aprendizagem vai ocorrer pelo viés da experiência de cada indivíduo. Portanto, o aprender é uma atividade de grande complexidade que precisa ser estimulada, com a postura facilitadora e de mediação, que busca oferecer suporte às decisões e opções de caminhos a serem percorridos. Por se tratar de ser experimentada, a aprendizagem não ocorre somente no campo cognitivo.

A busca pelo novo dever-se-ia partir do indivíduo, reiterando seu protagonismo e sua curiosidade, que o motiva e ajuda conforme à necessidade e o contexto vivido, pois a atitude primeira de agência por novos conhecimentos, correlaciona-se com motivos precisos em relação ao que se vive. Toda a relação para a melhor comunicação, segundo Rogers, deve ser menos dirigida.

Entretanto, a menor ação diretiva, não significa que o desenvolvimento ocorra sem a aproximação pessoal do mediador. Segundo Rogers, a sua maior contribuição se refere as relações interpessoais. O pesquisador sugere naquele momento a Evans (1979) que, foi através da observação do outro e das suas formas de relacionamento, se despidendo dos ambientes acadêmicos e oportunizando a fala dos indivíduos, com a empatia e a escuta sensível, o que o outro pensa, tornou-se, segundo ele, um ponto de inflexão para os mais variados interessados.

Assim, para que ocorra o desenvolvimento pessoal através da mediação, Rogers elenca alguns pontos necessários. A congruência, que se refere a atuação do mediador em direção ao indivíduo para que ele se torne mais consciente de seu eu e de sua experiência, é necessária junto a autenticidade para impactar o seu aluno. É preciso ser real, ser transparente com o seu interlocutor, para que ele possa se reconhecer e se expressar da melhor forma consigo e com o outro.

Por sua vez, a incongruência acontece quando é discrepante a organização do indivíduo e do acontecimento observado. Ela ocorre também quando existe uma falha no papel de mediação, já que a independência e a liberdade, por exemplo, não significam o descaso e a falta de orientação do professor.

O conceito de eu ou de *self*, que tem primazia de aparecimento nas teorias de Rogers, corresponde em observação aos seus pacientes, um ponto significativo, que representa o conjunto de percepções e de experiências referentes do próprio indivíduo e que se relacionam com o mundo exterior.

Na continuação dos elementos de aproximação para o desenvolvimento, a aceitação incondicional do aluno como uma pessoa diferente, sem julgá-lo ou avaliá-lo, é um outro ponto importante. Uma vez que, a congruência ocorra e que se permita a mediação e a orientação, o respeito às alteridades, são consequências ou componentes conjuntos.

Também encadeado com os demais pontos, a compreensão empática real, que consiste na possibilidade se enxergar através do ponto de vista do outro, refere-se na necessidade de se

trabalhar em grupo e na partilha do conhecimento, os quais os processos de reflexão e de autoconhecimento ocorrem.

Rogers continua e escreve que o professor deve se engajar, ter um trabalho imbricado com a realidade, com as vivências, para poder conhecer a fundo as dimensões humanas. Quando a postura assumida é hierárquica, dura e sustentada de forma distante, pela formação acadêmica, pela área de conhecimento do professor, a comunicação e a relação interpessoal ficam comprometidas.

De forma sucinta, alguns dos principais elos entre o terapeuta e o professor, bem como, pontos especiais na teoria desenvolvida por Rogers, foram expostos, com intenção de suscitar um maior debate entre outras teorias que se ocupam da aprendizagem e do desenvolvimento, de forma direta ou não, bem como, suas implicações com a formação e o cotidiano do professor, ambas retratadas a seguir.

Como supracitado, o texto se apresenta com o papel de identificar e de explicitar alguns elementos-chave na teoria de Carls Rogers, estabelecendo paralelos e díspares entre as funções do terapeuta e do professor, entre outras teorias e com as realidades sociais e humanas em contextos atuais. Assim, o que se objetiva é a disposição teórica fomentadora de reflexões para o trabalho docente.

#### *Continuações e Rupturas entre a Teoria de Rogers e a Psicanálise, o Behaviorismo e a Epistemologia Genética*

Em função à vida produtiva de Rogers, aos períodos de suas publicações e as ressonâncias de suas ideias, muitas analogias, ponderações e contradições foram apontadas pelo autor e questionadas por outros, acerca de suas teorias vigentes e concomitantes as épocas. Sendo assim, alguns apontamentos que marcam limites e fronteiras entre os pensamentos dele e de outros autores, foram colocados em sua entrevista.

Sobre a Psicanálise e os postulados de Freud, Rogers concebe que as estruturas do aparelho psíquico do consciente, do subconsciente ou pré-consciente e do inconsciente, são entendidos como uma cadeia de fenômenos que atingem diretamente o conceito de eu, de pessoa, do próprio indivíduo. A influência pode ser positiva, quando se trata das dimensões consciente e subconsciente ou até altamente prejudiciais, quando se refere ao inconsciente. Assim, Rogers de maneira mais racionalizada, demonstra que as três dimensões são um contínuo que representam objetos e contextos que ilustram desde um foco no presente até uma situação que não pode emergir ao consciente.

Ainda sobre a teoria freudiana, é considerado como ponto pacífico para Rogers, que os acontecimentos da primeira infância marcam de forma contínua o indivíduo. Entretanto, não se assume uma visão determinista, mas recomenda-se a observação dos fenômenos em si, notando pressupostos já identificados, como a congruência, a postura não-diretiva etc.

Em uma continuação a um sentido menos estreito, Rogers faz algumas afirmações sobre a Teoria Behaviorista, principalmente em relação aos postulados do psicólogo B. F. Skinner. Para a Teoria Humanista, o comportamento não é o elemento mais importante para se pensar a aprendizagem. O processo de aprender deve ser espontâneo e não planejado, como defendia Skinner.

Entretanto, cabe ressaltar que não se trata de oferecer uma visão chapada sobre as teorias do psicólogo experimental americano, mas de a partir do enquadramento humanista, apontar dimensões centrais da outra teoria: o comportamento como elemento fundamental e constitutivo de análise e o planejamento, podendo ser encarado como uma dimensão do condicionamento operante e as noções de consequências das ações e comportamentos.

Entretanto, vale sublinhar, que autores como Albert Bandura, também ouvido por Evans (1979), avança em estudos do campo cognitivo aliado ao comportamento. Em acordo com Rogers, Bandura afirma que processos de condicionamento humano, de modelagem, precisam de uma análise mais profunda dos aspectos cognitivos e relacionais com o meio. É a partir dessa interpretação, que melhor pode se avaliar se o indivíduo aprende ou apenas repete o que vê, por exemplo.

Bandura aposta em um modelo de influência recíproca, mútua, entre fatores internos e externos, representando um avanço distintivo para o viés behaviorista, considerando mais que o estímulo e a resposta. Não se trata de uma postulação hierárquica entre as contribuições, mas a sinalização de acréscimos interpretativos e dialógicos.

Por fim, Rogers concorda com influências ambientais e genéticas sob o desenvolvimento do indivíduo, como já indicavam outros ramos teóricos. É acordado também que pontos como a assimilação e a acomodação, no processo da construção da aprendizagem ocorrem. Entretanto, o que será defendido pelo Humanismo é a auto determinismo. Ele é entendido como o momento que o indivíduo consegue reconhecer a influência de tais fatores e assim, direciona o seu próprio futuro.

Não que o determinismo biológico seja ponto na epistemologia genética, por exemplo. Mas, a postura de reconhecimento e de agência dada e enfatizada por Rogers, é um ponto que

vale o reconhecimento. A formação do indivíduo não é vista considerando sua história genética de raça e de classe distantes. Outras instâncias e dimensões formativas não são negadas por Rogers, apenas não trabalhadas, em função do arranjo de sua formação, de seus problemas de pesquisa etc.

Destarte, os esforços das pesquisas científicas resvalam nas produções de conhecimentos anteriores e em perspectivas analíticas enfocadas. Assim, o que tem de ser explicitado, são os inúmeros estudos e contextos históricos de surgimento de correntes teóricas e os interesses envolvidos, para em uma melhor tentativa, poder avaliar de forma ampla, os posicionamentos e os entendimentos escritos. A contribuição insere-se na proposta dialogal entre as teorias, evidenciando as permeabilidades entre elas para o melhor entendimento da psicologia e do desenvolvimento humano.

#### *A Formação e a Atuação de Professores na Perspectiva Humanista: Alguns Incômodos*

A apresentação das ideias e das contribuições humanistas parecem muito distantes, quando os olhares se voltam para os cotidianos universitário e escolar. Entretanto, a estruturação será de crítica aos sistemas vigentes, para a proposição de algumas alternativas, às luzes da teoria rogeriana.

É sabido que os sistema escolar e universitário não permitem, em uma maioria das vezes a aplicação de pressupostos humanistas em função das limitações impostas pelos contextos vividos. Em ambientes que são submetidos à avaliações externas, ao cumprimento de uma série de exigências e demandas de foros legais, como se processa a congruência, se o que muitas das vezes se preconiza são resultados, médias e notas?

As pressões de programas, de currículos acrescidos de um alto número de alunos nas salas frente ao pouco tempo que se tem para o desenvolvimento das atividades, como é possível conhecer e por conseguinte, aceitar cada aluno?

Para além da sala de aula e a envolvendo, uma vez que não se pode excluir as questões institucionais da sociedade, pois uma não existe sem a outra, os tipos de relacionamento, mais distantes, mais rápidos, fruto de uma estrutura que mescla de forma fundamental as dinâmicas do mercado, de um modo antes não visto, com as relações humanas, como apontado por Stuart Hall (2011), o Humanismo se torna cada vez mais difícil em tempos pós-modernos.

Não obstante, as situações citadas anteriormente não são as únicas sofridas pelos professores e alunos. E tais situações não anulam por um lado, a existência de grandes modelos

e exemplos de instituições humanistas, nem por outro lado, desrespeita a postura do professor que não queira se envolver com profundidade. Entretanto, não se recomenda tal postura.

As contribuições de Rogers desviam a atenção no conteúdo ensinado para o verdadeiro alvo do processo de ensino-aprendizagem que é o aluno, enfocando que são as relações entre os envolvidos no processo, um elemento importante e decisivo, para a produção de resultados finais positivos. (FERREIRA, 2002)

Aproximar a matéria estudada do cotidiano da escola, aproximar escola e comunidade para um mesmo circuito de atenção aos discentes, dar voz e não apenas enquadrar as falas dos estudantes, oportunizando a proposição de seus problemas, de suas vivências para a posterior orientação, demonstração das possíveis aplicações e motivos pelo qual se aprende.

Não é pregar discursos utópicos, entretanto, o professor tem alguma liberdade de como priorizar e como preparar seus alunos para que entendam os resultados de seus rendimentos, voltados para além de imediatismo e sim, para a formação da pessoa por completo. Não se pode desanimar frente às questões estruturais, pois a mudança pode e deve começar nas menores esferas.

A aprendizagem, em função do conceito de experiência, não pode se isolar nem se restringir à sala de aula. O uso dos trabalhos em grupos, interdisciplinares, que proponham a consumação de apresentações, feiras, que reúnam diversos tipos de saberes, são propostas que, muito se propagam, mas que em alguns casos, não tem uma orientação adequada. Se a supervisão for correta, os frutos são positivos e não exigem grandes aparatos de todos.

Logo, as propostas frente aos problemas, muita das vezes, estão alicerçadas na inversão das práticas já cotidianas de sala de aula, oportunizando agora, a aproximação e o protagonismo discente nos espaços de aprendizagem. O sentimento real de pertencimento e de participação efetiva, de agência, são os primeiros e mais decisivos passos, para a mudança.

Não se tratou portanto, de pensar em soluções e em aprofundamentos estruturais de políticas públicas e dos processos sociais, muito menos do apontamento de soluções. Mas, do reconhecimento de algumas questões que buscam o enfrentamento de pontos centrais em relação a teoria humanista.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

### *Tendências e Desejos Temporários*

Os anseios que guardavam este texto são de uma esfera reflexiva sobre a importância de uma série de teorias e questões que são estudadas, mas que às vezes são perdidas ou pouco



pensadas para a prática. Não é fortuito esquecer das mudanças enfrentadas em relação ao tempo, as dinâmicas com o conhecimento, bem como com as relações humanas, visto um período de pós-modernidade. (HALL, 2011)

Entretanto, na contramão estrutural dos sistemas os quais participamos e das relações humanas que predominam, a Teoria Humanista, de grande e simples cunho prático, oferece ao professor um novo ponto de vista para despertar o prazer e a autonomia em aprender e desenvolver mais conscientes dos seus potenciais e das suas realidades vivenciadas.

Portanto, de forma concisa, o texto busca despertar uma análise para as práticas docentes, projetando a partir de conceitos fundamentais em Rogers, uma reflexão sobre a educação, pela qual se luta e pela qual se pretende alcançar. É a partir de apontamento das realidades e das perspectivas teóricas que podem se fundamentar a mudança.

## REFERÊNCIAS

- EVANS, Richard Isadore. **Carl Rogers: the man and his ideias**. Nova York: Dutton, 1975.
- EVANS, Richard Isadore. **Construtores da psicologia**. Tradução de Maria Julieta Penteadó. São Paulo: Summus e Editora da USP, 1979.
- FERREIRA, B. W. A aprendizagem na perspectiva humanista: Carl R. Rogers. In: ROSA, J. L. (org.). **Psicologia e educação: o significado do aprender**. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- ROGERS, Carl R. **Client-centered therapy: its current practice, implications and theory**. Boston: Houghton Mifflin, 1951.
- Recebido em 18 de janeiro de 2018.  
Aprovado em 25 de abril de 2018.